

O CLUBE DOS BAGRES EM AÇÃO

A recente decisão do juiz local Aurélio Miguel Pena, em que escreveu com elegância “por força do tombamento do prédio (Decreto 8161/2003), insurge o dever da Associação (que passou a ser proprietária do antigo Clube dos Bagres) na promoção de obras urgentes de restauração e conservação e ao município, o dever de vigilância. A inércia do proprietário revela certo descaso com a memória do patrimônio histórico e arquitetônico da cidade. As medidas de cautela se mostram certas e claras. Ante o exposto, defiro a medida liminar para impor a Associação Clube dos Bagres a apresentação de projeto de reconstrução do Ginásio Clube dos Bagres, com as mesmas características originais, apresentando projeto ao Município e ao CONDEPHAT, no prazo de noventa dias; (b) execução do projeto aprovado no prazo máximo de dois anos”, inclusive fixando multa caso houvesse descumprimento.

Tratam-se de medidas inéditas em Franca, tanto a tomada de posição pelo Ministério Público bem como a decisão judicial inicial e, caso a ação tenha sucesso, uma lufada de ânimo para aqueles que lutam pela preservação da história local, sinônimo de perdas e mais perdas ao longo dos anos. Na semana passada, a decisão foi suspensa pelo Tribunal de Justiça, mas a luta não terminou. Tudo isso está ocorrendo por conta do habitual descaso com que é tratado o patrimônio histórico numa cidade com 200 anos de história, sabidamente uma política decorrente de uma obrigação estatal prevista na Constituição Federal, mas que a maioria das pessoas pouco se importa, basta ler as “pérolas” opinativas e a ignorância sobre o tema nas redes insociáveis.

O fato: em novembro de 2023, um desastre de graves proporções atingiu a preservação do patrimônio histórico da cidade. A queda da cobertura do histórico ginásio do Clube dos Bagres, tombado desde 2002 como patrimônio de uma cidade que diz respirar basquete veio ao chão estrepitosamente e mostrou a todos a incúria, o desrespeito e a falta de políticas públicas efetivas para preservar a história da cidade.

No caso do ginásio de esportes, o projeto de arquitetura era símbolo do modernismo na cidade, desenhado pelo célebre arquiteto Ícaro de Castro Melo, um dos mais importantes projetistas de instalações desportivas nas décadas de 1950 a 70, sem cuja existência não haveria time e tradição do basquete na cidade. Foi nesse ginásio que o professor Pedroca liderou e forjou um time de atletas de uma pequena cidade que, a partir daí, enfrentou e ainda enfrenta de igual para igual os grandes e milionários clubes do país. Em relação ao basquete masculino brasileiro, Franca é assim tipo uma aldeia gaulesa do Asterix por conta do Clube dos Bagres. Aliás, o clube foi construído com o esforço e os recursos de milhares de francanos, para depois ser sucateado e se tornar propriedade de um pequeno grupo que foi vendendo a valiosa área aos poucos, ante o silêncio obsequioso da cidade, suas lideranças e autoridades.

Pouco mais de um ano depois da queda da cobertura do ginásio de esportes, finalmente, face o silêncio do proprietário e da Prefeitura Municipal, o Ministério Público protocolou uma Ação Civil Pública visando proteger o patrimônio histórico local através da recomposição do edifício em suas principais características pelos atuais proprietários que não deram a devida manutenção ao edifício e pela Prefeitura, que falhou na fiscalização e proteção ao bem tombado. Com o ginásio em uso diário, a queda da cobertura poderia ter causado uma gigantesca tragédia, felizmente não ocorrida, mas isso não exime de responsabilidade os responsáveis. A suspensão da decisão local mostra que a batalha será longa. Mas, apesar dos percalços, não percamos a esperança que vamos ver um final feliz, com a recuperação do ginásio histórico e o fim da irresponsabilidade da Prefeitura com o patrimônio histórico da velha Franca do Imperador.

Mauro Ferreira é arquiteto

